

ENTRE DESEJO E DISCURSO: ECOS DE RUBEM ALVES E JACQUES LACAN.

Najla Gergi Krouchane.

Cita:

Najla Gergi Krouchane (2025). *ENTRE DESEJO E DISCURSO: ECOS DE RUBEM ALVES E JACQUES LACAN*. XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica, XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas, I Semana da Pedagogia e X Semana da Biologia. Instituto Federal de São Paulo - Câmpus São Roque, São Roque.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/jpctifpsrq/3>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/paWp/GHT>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite:
<https://www.aacademica.org>.

ENTRE DESEJO E DISCURSO: ECOS DE RUBEM ALVES E JACQUES LACAN

Najla Gergi Krouchane, najlaatui@hotmail.com

Resumo

O encontro entre Rubem Alves e Jacques Lacan revela uma tensão entre o ensinar como ato de desejo e o ensinar como reprodução institucional. Enquanto Alves propõe uma educação que toca o corpo e a alma — marcada pela imaginação, pelo afeto e pela escuta poética — Lacan alerta para os efeitos de um saber que silencia o sujeito e transforma o ensino em técnica. Essa crítica se aprofunda quando Lacan formaliza o *Discurso Universitário* em seu *Seminário 17: O avesso da psicanálise* (1992). Nesse discurso, o saber ocupa o lugar de agente, objetificando o outro e produzindo um sujeito barrado, excluído de sua verdade. O aluno, nesse modelo, torna-se porta-voz de um saber já instituído, reproduzindo enunciados sem espaço para criação ou desejo. A verdade do sujeito é eclipsada pela autoridade do saber acadêmico, que se apresenta como neutro, científico e universal. Enquanto Jacques Lacan denuncia os efeitos alienantes do *Discurso Universitário* — que transforma o saber em instrumento de dominação simbólica — Rubem Alves, na obra *A Alegria de Ensinar* (1994), propõe uma pedagogia do encantamento, capaz de despertar o desejo de aprender e valorizar o erro, o espanto e a autonomia. Para ele, o professor deve ser um encantador de palavras, alguém que educa o olhar e convida o aluno a sonhar com o que ainda não sabe. Ambos reconhecem que o discurso educativo é também um espaço de formação da subjetividade — seja pela via simbólica, como estrutura que organiza o sujeito, seja pela via poética, como gesto que desperta o sentido da existência. O diálogo entre os autores revela que ensinar é sempre um ato ético, que pode tanto libertar quanto aprisionar, dependendo do lugar que o desejo ocupa na relação com o saber.

Palavras-chave: Discurso Universitário; Desejo; Educação; Rubem Alves; Jacques Lacan.

Modalidade: Resumo Expandido

Apresentação

Ensinar
 é um exercício
 de imortalidade.
 De alguma forma
 continuamos a viver
 naqueles cujos olhos
 aprenderam a ver o mundo
 pela magia da nossa palavra.
 O professor, assim, não morre
 jamais...
 Rubem Alves

A educação é mais do que a transmissão de saberes — é um espaço de travessia entre o desejo e o discurso, entre o encantamento e a técnica. Neste cenário, o encontro entre Rubem Alves e Jacques Lacan permite lançar luz sobre os múltiplos sentidos do ensinar, revelando tensões entre a poética do educar e as estruturas institucionais que organizam o saber.

Rubem Alves, especialmente em sua obra *A Alegria de Ensinar* (1994), propõe, a partir de uma abordagem sensível e filosófica, que o educador seja um encantador de palavras — alguém capaz de despertar no aluno o desejo de aprender, de sonhar e de viver o saber com sentido. Para ele, ensinar não é apenas transmitir conteúdos, mas cultivar jardins de curiosidade, onde o conhecimento floresce como experiência estética e afetiva. Para ele, a alegria de ensinar nasce do afeto, da escuta e do respeito aos ritmos e singularidades da infância.

Jacques Lacan, por sua vez, formaliza em seu *Seminário 17: O avesso da psicanálise* o conceito de *Discurso Universitário*, revelando uma estrutura em que o saber ocupa o lugar de agente e objetifica o sujeito. Nesse modelo, o ensino tende a se tornar uma reprodução técnica, silenciando o desejo e excluindo o sujeito de sua verdade.

Nesse cenário, este trabalho propõe uma reflexão sobre os ecos do desejo e do discurso na educação, articulando as contribuições de Alves e Lacan para pensar a formação docente, a subjetividade no espaço escolar e os sentidos do saber. Ao confrontar uma pedagogia do encantamento com uma crítica à institucionalização do saber, busca-se compreender como o ensino pode ser, ao mesmo tempo, gesto poético e estrutura simbólica.

Materiais e métodos

Este estudo adota uma abordagem qualitativa, de natureza teórico-reflexiva, com o objetivo de investigar os entrelaçamentos entre o desejo, o discurso e o ato educativo, a partir das perspectivas de Rubem Alves e Jacques Lacan. A pesquisa se insere no campo das Ciências Humanas, especialmente nas interfaces entre educação e psicanálise, assumindo uma postura interpretativa que prioriza a escuta dos textos e o aprofundamento dos sentidos que deles emergem.

A escolha dos autores se justifica pela singularidade com que abordam o ensino: Rubem Alves, a partir de uma poética do desejo de ensinar; e Jacques Lacan, pela formalização da teoria dos discursos e em especial, o *Discurso Universitário* enquanto estrutura que organiza o saber e posiciona o sujeito.

O presente trabalho consiste em uma análise bibliográfica das seguintes obras de Rubem Alves: *A alegria de ensinar* (1994) e *Estórias para quem gosta de ensinar* (2009). No que tange às contribuições de Lacan, utiliza-se *O Seminário 17: O avesso da psicanálise* (1992), que apresenta o conceito do *Discurso Universitário*.

A análise será conduzida por meio de uma leitura cruzada entre trechos das obras citadas, com foco na articulação entre desejo e discurso, entendendo o ensino como espaço simbólico que tanto pode despertar a singularidade quanto silenciar o sujeito. A metodologia não busca síntese, mas ressonâncias, explorando os ecos que cada autor faz vibrar sobre o sentido de educar.

Resultados/resultados preliminares

No livro *A Alegria de Ensinar* (1994), o educador, psicanalista e teólogo Rubem Alves destaca a importância de que o professor ensine com prazer e o aluno aprenda com prazer. Ao ensinar, o professor deve revelar ao aluno o significado de estar aprendendo, tornando o processo leve, encantador e fértil — para que brote, no aluno, o desejo genuíno de aprender. Em outras palavras, os professores deveriam ensinar a felicidade. Contudo, na prática, essa alegria raramente se concretiza. Os professores ocupam o lugar do saber, enquanto os alunos são posicionados em uma estrutura de submissão.

A estrutura hierárquica da educação tradicional muitas vezes transforma o ato de aprender em um fardo, anulando a vontade própria do aluno e interditando o prazer de conhecer. Quando o saber deixa de ser encontro com o desejo e passa a ser imposição mecânica de conteúdos, instala-se uma tortura silenciosa que paralisa o pensamento e dissolve a curiosidade. Sem alegria, não há escuta; sem encantamento, não há aprendizado. Um aluno que estuda feliz se torna criador de sentidos. Aquele que é obrigado a repetir conteúdos, corre o risco de não apenas não aprender, mas também de desaprender o amor por saber — e isso, talvez, seja o maior dos sofrimentos (ALVES, 1994).

XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica

XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas

I Semana da Pedagogia

X Semana da Biologia



Uma montanha de conhecimentos sem significado pode sufocar a sabedoria que está prestes a florescer. Quando se impõe o saber, o potencial único de cada aluno deixa de aflorar. Em vez de acrescentar, a escola pode acabar por sacrificar os saberes que já habitavam o estudante. “A miséria das escolas se encontra precisamente ali onde elas são classificadas como excelentes” (ALVES, 1994, p. 18-19). Ensina-se tão bem que não se aprende a pensar. “Assim aprende-se para não precisar pensar.” (ALVES, 1994, p. 23).

Alves (1994), ressalta que sem o pensamento, adormecem capacidades fundamentais, como a criatividade. O ciclo das notas reforça esse processo: alunos estudam para passar de fase — do ensino fundamental ao médio, e deste ao vestibular — e logo esquecem o que aprenderam. Após duas décadas de estudos, são submetidos a uma prova de um único dia, e, em poucos meses, esquecem boa parte do conteúdo. Esse modelo reprime singularidades e transforma o saber em um instrumento descartável. Nessa perspectiva, compreende-se que os programas escolares impõem métodos padronizados, ignorando que existem múltiplas formas e ritmos de aprender. A educação muda sua aparência ao longo dos anos, mas mantém padrões rígidos. A alfabetização, por exemplo, antes ensinada da parte para o todo, hoje deriva-se do todo para a parte — “A letra mudou, mas a música continuou a mesma.” (ALVES, 1994, p. 24).

Alves (1994) reflete que antes de alcançar uma resposta correta, é preciso permitir que o aluno erre. No ensino atual, os professores entregam respostas prontas, quando o ideal seria que os alunos as descobrissem por si mesmos — mesmo que com dúvidas e incertezas. O erro também ensina. Independentemente das estratégias de aprendizagem utilizadas, há sempre uma produção de saber.

Para adquirir novos conhecimentos, muitas vezes é necessário esquecer os antigos. O saber se mantém vivo quando é usado, e perde força quando se torna inútil. Os corpos são moldados pelas palavras que os educam. A educação faz isto: o processo pelo qual nossos corpos vão ficando iguais às palavras que nos ensinam. Às vezes, é preciso esquecer para lembrar. “A sabedoria mora no esquecimento.” (ALVES, 1994, p. 30).

Aprender é uma aventura que se desenrola entre professor e aluno, entre o Eu e o Outro — uma travessia marcada por encontros, deslocamentos e descobertas:

Mas, para esta aventura meus mapas não lhe bastam. Todos os diplomas são inúteis. E inútil todo o saber aprendido. Você terá de navegar dispondo de uma coisa apenas: os seus sonhos. Os sonhos são os mapas dos navegantes que procuram novos mundos. Na busca dos seus sonhos você terá de construir um novo saber, que eu mesmo não sei... E os seus pensamentos terão de ser outros, diferentes daqueles que você agora tem. O seu saber é um pássaro engaiolado, que pula de poleiro a poleiro, e que você leva para onde quer. Mas dos sonhos saem pássaros selvagens, que nenhuma educação pode domesticar. Meu saber o ensinou a andar por caminhos sólidos. Indiquei-lhe as pedras firmes, onde você poderá colocar os seus pés, sem medo. Mas o que fazer quando se tem de caminhar por um rio saltando de pedra em pedra, cada pedra uma incógnita? Ah! Como são diferentes o corpo movido pelo sonho, do corpo movido pelas certezas. (ALVES, 1994, p. 74-75).

Ao mesmo tempo que a aprendizagem é uma aventura que envolve desejos, sonhos e descobertas, ela também pode se tornar um espaço mecanizado, onde o Eu se perde e a subjetividade é silenciada. Rubem Alves alerta para esse risco ao afirmar que “a educação pode ser um feitiço que nos faz esquecer o que somos, a fim de nos recriar à imagem e semelhança de um Outro” (1994, p. 45). Nesse cenário, o saber deixa de ser experiência viva e passa a ser instrumento de conformação, apagando o desejo e moldando o sujeito segundo padrões externos.

XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica

XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas

I Semana da Pedagogia

X Semana da Biologia



O vestibular surge como uma máquina que apaga os sonhos e transforma alunos em humanos mecanizados. O mercado busca perfeição e controle de qualidade, exigindo que os indivíduos funcionem como máquinas — e para isso, os sonhos precisam ser anulados. O corpo humano é morada de um universo adormecido, que desperta por meio da palavra. E a palavra nasce da educação. Os educadores, portanto, têm poder (ALVES, 1994).

A educação pode libertar ou aprisionar; pode fazer com que nos esqueçamos de quem somos e nos tornemos cópias padronizadas. Muitos passam a vida com a sensação de terem escolhido a profissão errada — porque foram moldados contra os próprios sonhos.

Adultos querem que as crianças sonhem os seus sonhos. Mas as crianças sonham diferente — e isso se perde com o tempo. É preciso recuperar a sabedoria da infância para curar a infelicidade que o mundo adulto produz. As crianças são vistas como inacabadas, mas sabem sonhar — algo que os adultos desaprenderam, contaminados por preconceitos. Por isso, são os adultos que deveriam aprender com elas.

Rubem Alves diz que “pensar é voar” (ALVES, 2010, p. 67). Voar é sonhar. O pensamento permite viver o que não existe — e o que não existe são os sonhos. Os seres humanos são sonhos cobertos de carne, e a felicidade está em reviver a infância e os sonhos que ela traz. A escola deveria ensinar perguntas — não respostas. A criança precisa descobrir o desconhecido, e não repetir o que outros já descobriram. As crianças, por sua vez, são seres oníricos. Possuem imaginação fértil e pensam na alegria — mas a sociedade não tolera a “inutilidade” da alegria. Há coisas que se aprendem sem a escola — como andar, falar, sentir. Já muitos saberes escolares são esquecidos por não terem sentido. Quando algo faz sentido, é aprendido com leveza. A tarefa do professor é despertar o desejo de aprender.

A escola ensina demais sobre o passado, e pouco sobre o que ainda não sabemos. O futuro é incerto e nunca uma cópia do passado. Assim, a escola precisa ensinar os alunos a não terem medo de sonhar. É a partir dos sonhos que se revelam os novos saberes. O desconhecido é o berço da aventura e da criação. As escolas têm em mãos o poder de formar gênios — basta deixar que as crianças sonhem e ajudá-las a sonhar mais. Um exemplo disso: a criança que queria um brinquedo, mas não podia tê-lo, criou o seu próprio. Eis a expressão mais poderosa da criatividade (ALVES, 1994).

No livro *Estórias de quem gosta de ensinar* (2009), Rubem Alves aborda a questão dos vestibulares. Ele afirma que a idade em que os jovens escolhem uma profissão não é adequada, pois aos dezessete ou dezoito anos ainda não há maturidade suficiente para decidir o futuro profissional. É natural que adolescentes mudem de ideia, justamente por sua pouca idade.

Para Alves (2009), a vocação é como um chamado que pode ocorrer a qualquer momento. Toda escolha profissional que não decorre desse chamado interior não é vocação, mas apenas profissão. A verdadeira vocação é aquela que proporciona satisfação, pois está ligada ao que se ama fazer. Os jovens, muitas vezes, se preocupam mais em ingressar na faculdade ao mesmo tempo que seus colegas do que em refletir sobre como será sua atuação profissional no futuro. Desde cedo, as crianças são moldadas para que no futuro sejam úteis à sociedade. No entanto, o que elas têm a oferecer é felicidade, alegria e prazer — sentimentos que, socialmente, não geram lucro.

A escola busca que todos os alunos se adequem à sua lógica. Porém, existem crianças que resistem a essa padronização. Muitas vezes, os alunos considerados desatentos ou com dificuldades de aprendizagem são justamente aqueles que recusam as imposições escolares — mas a escola raramente reconhece sua parcela de responsabilidade. Há uma crença de que quanto mais instituições de ensino existirem, mais saberes serão produzidos — mas isso não é

XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica

XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas

I Semana da Pedagogia

X Semana da Biologia



verdade. Não há saber sem sentido. Os saberes institucionalizados muitas vezes são esquecidos, por não se conectarem ao significado. Alves sugere que deveriam existir faculdades que ensinassem a “ignorância antiga”.

A educação está às avessas: a criança de carne e osso aprende e depois se transforma em “criança de pau” — o oposto da história de Pinóquio. Muitas vezes, a recusa em aprender é uma das maiores provas de inteligência. O corpo, por exemplo, ignora a didática quando rejeita o que não lhe faz bem, como ao vomitar uma comida indigesta. Alimentar-se é saudável, mas rejeitar o que prejudica também é sinal de sabedoria (ALVES, 2009).

Para Rubem Alves, o primeiro passo para saber o que ensinar é ouvir os desejos dos alunos. Ele critica a forma como a ciência afastou o prazer da aprendizagem — já que tudo precisa ser testado, comprovado e funcional. O sonho e o encantamento não se enquadram nesse modelo e, por isso, são ignorados. Sem motivação, não há paixão pela ciência, nem histórias que encantem as futuras gerações. Se a educação continuar seguindo os moldes rígidos da racionalidade científica, surgirão conhecimentos sem alma, sem vínculo afetivo. A aprendizagem se tornará ainda mais impotente e sem vigor. Para que o conhecimento aconteça, é necessário que exista desejo — a paixão antecede o saber.

O mundo da ciência é muitas vezes fechado, centrado em laboratórios, e isso não desperta uma curiosidade viva. Alves (2009) argumenta que uma boa risada pode ter mais impacto que muitos argumentos. Os cientistas costumam produzir conhecimento com base apenas na natureza objetiva, ignorando o corpo, a imaginação e os desejos — apesar de o corpo humano também ser natureza. Sentir, desejar e imaginar são dimensões fundamentais da produção de conhecimento.

A comunidade científica precisa repensar suas premissas. Seu sistema mecânico tem influenciado fortemente a sociedade e, em especial, a educação — que não atravessa bons momentos. Somos seres frágeis, e é justamente essa vulnerabilidade que impulsionou a inteligência humana. O conhecimento nasce do prazer. É preciso que haja encantamento para que o saber possa florescer.

O lugar de submissão, o saber institucionalizado e o aprendizado mecanizado — retratados criticamente por Rubem Alves — encontram ressonância na dinâmica do *Discurso Universitário* formulado por Jacques Lacan.

No *Seminário 17: O Averso da Psicanálise* (1992), o psicanalista Jacques Lacan apresenta a teoria dos discursos. Nesse contexto, os discursos nas relações humanas referem-se àquilo que constitui o laço social, permitindo a articulação do sujeito com o outro e, a partir dessa relação, a produção de efeitos simbólicos. Para que um discurso se estabeleça, são necessários quatro lugares: agente, verdade, outro e produção.

A verdade sustenta o agente, que se dirige ao outro e instaura uma produção. Lacan formaliza quatro formas fundamentais de discurso que estruturam o laço social: o discurso do mestre, o discurso universitário, o discurso da histeria e o discurso do analista (figura 1). A cada mudança discursiva, ocorre um giro estruturante entre quatro elementos fundamentais da teoria dos discursos formulada por Lacan: o significante mestre (S1), que representa o comando simbólico e funda a autoridade do agente; o saber (S2), que opera como verdade articulada e suporte epistemológico do discurso; o objeto a (a), ponto de falta e causa do desejo que escapa à significação plena; e o sujeito castrado (\$), aquele que é dividido pela linguagem e atravessado pelo inconsciente, marcado pela impossibilidade de se representar inteiramente no laço social.

No *Discurso do Mestre*, o agente é aquele que detém o poder e a palavra da lei (S1). Ele comanda e impõe, sustentando uma autoridade que estrutura o campo do Outro — como o

governante que instaura a ordem sem necessariamente produzir saber. A verdade, nesse caso, permanece oculta sob o comando.

No *Discurso Universitário*, o saber institucionalizado (\$2) ocupa a posição de agente: trata-se de um saber técnico, protocolar e acumulativo, que transmite conhecimento de forma mecânica e repetitiva. A função pedagógica, nesse modelo, se reduz à reprodução de fórmulas, silenciando a subjetividade e apagando o desejo que anima o saber. O sujeito (representado por \$) é submetido à lógica da alienação: ele deixa de ser interlocutor para tornar-se objeto de formação e reprodução, submetido à lógica da alienação. O estudante, portanto, é posicionado como objeto a — um resíduo da máquina de saber, ignorado em sua singularidade e esvaziado de desejo. O saber acumulativo, de natureza burocrática, opera como uma engrenagem que repete fórmulas e silencia a enunciação subjetiva.

No *Discurso da Histórica*, o agente é o desejo (\$): a histórica interroga o saber, desafia o mestre, e ao fazê-lo, convida o Outro a se posicionar como aquele que sabe. É um discurso de mobilização e questionamento, que produz saber ao confrontar o suposto saber do outro. A histórica torna o Outro desejante, desestabilizando verdades e provocando deslocamentos.

Por fim, no *Discurso do Analista*, o agente ocupa o lugar de objeto a — o vazio, a falta, o ponto onde o analista se cala para permitir que o sujeito fale e que o inconsciente emerga. É o único discurso que visa, não à dominação, mas à abertura do sujeito para sua própria verdade. O analista, ao suspender o saber e ocupar o lugar de falta, permite que o analisando se constitua como sujeito do desejo.

Lacan (1992) ressalta que os discursos estão sempre em movimento: o sujeito pode transitar entre posições e, com isso, modificar o discurso que o constitui. Essa dinâmica revela a plasticidade dos laços sociais e a complexidade das estruturas que os sustentam.

Todos os discursos são necessários, porém ressalta-se que a estagnação discursiva pode trazer impactos subjetivos relevantes. Quando o sujeito permanece fixado em uma única posição discursiva — como no *Discurso Universitário*, por exemplo — há risco de cristalização do saber, silenciamento do desejo e apagamento da singularidade. A mudança de posição no campo discursivo permite que o sujeito reconfigure seu lugar frente ao saber, ao outro e à produção, possibilitando novas formas de subjetivação.

O discurso, como laço social, funda um fato estabelecendo vínculo entre aquelas pessoas concernidas. A educação, por exemplo, é uma forma de laço social em que, ao se estabelecer uma sala de aula, já temos predeterminado que existe uma relação entre alguém que ensina — o agente, que é o professor — e alguém que é o outro — o aluno, que é ensinado. Não é necessário dizer nada sobre isso. Mas tampouco a sala de aula é necessária para que esse laço social — que Lacan chama de discurso universitário — se estabeleça. Basta um ato! O ato que determina o laço é sempre o do agente do discurso, pois o ato é, segundo Lacan, um dizer que funda um fato, no caso, um fato de discurso, o próprio laço social. Esse ato, ao se dirigir a um outro, imprime o fato daquele discurso, como, em nosso exemplo, o ensino, e estabelece o par professor-aluno. (QUINET, 2012, p. 49).

Lacan afirma que o saber, quando institucionalizado e colocado como agente no discurso universitário, pode funcionar como instrumento de dominação simbólica, silenciando o sujeito e apagando o desejo. Por conseguinte, Rubem Alves tece uma crítica sensível e poética ao modelo tradicional de educação, defendendo que ensinar e aprender devem ser atos de prazer, imaginação e liberdade. Para ele, o chamado ensino bancário — baseado na autoridade do professor, em respostas prontas e na reprodução mecânica de conteúdos — paralisa a

criatividade, desvaloriza os saberes singulares dos alunos e transforma o ato educativo em sofrimento.

De certa forma, Rubem Alves propõe que o professor seja um “professor de espantos” — alguém capaz de despertar o olhar curioso, os sonhos e o desejo de aprender. Para ele, a escola deveria ensinar perguntas, estimular o pensamento e cultivar o encantamento, em vez de apenas entregar respostas prontas. A alegria de aprender surge quando o saber é significativo, quando se respeita o ritmo e o modo único de cada criança. A educação, quando pautada por conteúdos obrigatórios e pela lógica do vestibular, apaga os sonhos, molda os corpos e silencia a subjetividade.

Alves defende a recuperação da sabedoria da infância, onde habita o pensamento livre, o brincar criativo e o desejo de descobrir. Sonhar é condição para aprender; e o professor, como encantador de palavras, tem a missão de reativar esse universo adormecido.

Essa dinâmica encontra ressonância no *Discurso da Histórica*, formulado por Lacan. Nesse discurso, o agente é o desejo — e é justamente ao interrogar o saber, ao provocar o Outro, que se produz conhecimento. A histórica não aceita respostas prontas: ela questiona, desestabiliza, exige escuta. Assim como Alves propõe uma pedagogia que valoriza o espanto e a pergunta, o discurso histórico abre espaço para que o sujeito deseje, para que o saber seja construído na relação e não imposto pela autoridade.

No entanto, para que o *Discurso Histórico* se efetive no ato educativo, é necessário que o professor falte — ou seja, que ele não se coloque como detentor absoluto do saber. Esse gesto de falta simbólica é o que permite o giro em direção ao *Discurso do Analista*, no qual o agente é o objeto *a*, e o saber está no lugar da verdade. O professor, ao se retirar da posição de mestre, abre espaço para que o sujeito do desejo emerga, para que o saber seja produzido pelo aluno e não apenas transmitido.

Jamais o professor deve permanecer fixado na posição do *Discurso do Mestre*, onde o saber é imposto e o sujeito é silenciado. Educar, nesse horizonte, é transitar entre os discursos, operar giros, e reconhecer que o verdadeiro ensino acontece quando há escuta, desejo e transformação.

Assim, o ato educativo não se reduz a uma única forma discursiva: ele permeia, tensiona e atravessa os quatro discursos, revelando que educar é sempre um gesto ético, político e subjetivante. Reconhecer essa multiplicidade é essencial para pensar uma pedagogia que acolha o desejo, a escuta e a transformação — como desenhou Rubem Alves, ao imaginar o educador como jardineiro de sonhos e encantador de palavras. Educar, nesse horizonte, é permitir que o saber floresça em liberdade e que o sujeito se encontre com o mundo através do encantamento.

Considerações finais

O encontro entre Rubem Alves e Jacques Lacan revela que o ato de educar está situado entre dois territórios simbólicos: o desejo que mobiliza e o discurso que organiza. Enquanto Alves convida o educador a encantar, despertar e poetizar o saber — tornando a aprendizagem uma experiência sensível e afetiva — Lacan denuncia os efeitos do *Discurso Universitário*, que transforma o saber em estrutura institucional, frequentemente desvinculada da subjetividade e do desejo do aluno. Ambos os autores convergem na crítica à educação que reprime o desejo e promove a alienação.

A análise aqui proposta permitiu reconhecer que o discurso educativo não é neutro: ele forma, posiciona, silencia e também pode libertar. A escola, quando guiada apenas por um modelo tecnicista e conteudista, reprime os sonhos e a imaginação. Já o professor que ensina

com alegria, escuta e paixão, como sugere Alves, atua como mediador do desejo e facilitador da autonomia.

Assim, pensar a educação a partir dos ecos de Alves e Lacan é refletir sobre os riscos da reprodução de saberes e sobre as potências de uma pedagogia que acolhe a subjetividade. Entre o ensino como imposição e o ensino como invenção, reside a tarefa ética do educador: fazer do conhecimento um lugar de encontro com o outro, consigo mesmo e com o mundo, onde o saber não seja apenas útil, mas também carregado de sentido.

Referências

ALVES, R. A alegria de ensinar. 3. ed. Campinas, SP: ARS Poetica editora Ltda, 1994.

ALVES, R. Estórias para quem gosta de ensinar. 12. ed. Campinas, SP: Papirus, 2009.

QUINET, A. *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

LACAN, J. *Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise (1969–1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

Apêndice

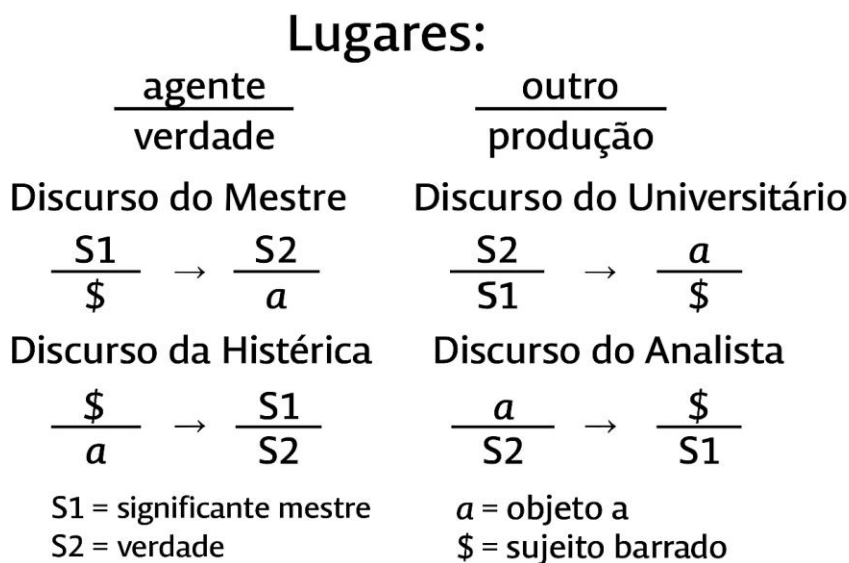


Figura 1: Os discursos (LACAN, 1992)

Tabela 1: Jacques Lacan e Rubem Alves – Articulação entre o Simbólico e o Poético na Educação

XIII Jornada de Produção Científica e Tecnológica

XVI Ciclo de Palestras Tecnológicas

I Semana da Pedagogia

X Semana da Biologia

Categoria	Jacques Lacan	Rubem Alves
Desejo	Falta estrutural que nunca se satisfaz; surge na linguagem e no inconsciente.	Energia poética que move o sujeito; esperança encarnada na relação com o outro.
Discurso Educativo	Analizado por meio dos quatro discursos, sobretudo o <i>Discurso Universitário</i> , que silencia o sujeito e institucionaliza o saber.	Ensino como ato amoroso e libertador; o saber deve evocar espanto e encantamento.
Lugar do Saber	Saber técnico, estruturado, que posiciona o sujeito de forma passiva frente ao conhecimento.	Saber vivido, afetivo, que parte da curiosidade e das perguntas significativas.
Sujeito	Sujeito dividido, barrado, constituído na linguagem e pelos discursos sociais.	Sujeito sensível, imaginativo, formado pela experiência, emoção e escuta.
Posição do Professor	Agente atravessado por discursos; pode ocupar posições diferentes (mestre, analista, etc.).	Encantador de palavras, "professor de espantos" que desperta desejos e sonhos.
Crítica ao ensino	Reproduz saberes sem escuta, apaga o desejo do aluno, organiza o sujeito conforme o saber.	Conteudista, técnica, sem espaço para o brincar, o erro e o sonho.
Valores	Os valores são simbólicos e dependem da estrutura que os sustenta no discurso.	Devem ser ensinados pela vivência e pelo afeto; não são transmitidos automaticamente.